

**ERGOS**

**MEDITAÇÕES**

**DA**

**PÁSCOA CÓSMICA**

ESTE LIVRO É PUBLICADO  
COM O CONSENTIMENTO DA  
**FRATERNIDADE BRANCA UNIVERSAL DO**  
**ARCANJO MICKAEL**  
**1968 - 2011**

**ÍNDICE REMISSIVO****Págs.**

<b>DODECÁLOGO DA LEI DA NOVA ERA.....</b>	<b>03</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>.04</b>
<b>PRIMEIRA MEDITAÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>SEGUNDA MEDITAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>TERCEIRA MEDITAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>QUARTA MEDITAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>QUINTA MEDITAÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>SEXTA MEDITAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>SÉTIMA MEDITAÇÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>APOTEOSE.....</b>	<b>32</b>
<b>SÍNTESE DAS MEDITAÇÕES CÓSMICAS.....</b>	<b>34</b>

# **DODECÁLOGO DA LEI DA NOVA ERA**

**I**

**Ama a Deus de quem tudo recebes.**

**II**

**Ama o homem que é uma parte de ti no Todo.**

**III**

**Ama o teu corpo que é a expresso fatal da Suprema  
Vontade Criadora.**

**IV**

**Ama o espírito que é a Luz Divina, partícipe do Absoluto.**

**V**

**Ama a vida que é a manifestação do amor de Deus  
pelas Suas criaturas.**

**VI**

**Ama também a morte porque nela encontrarás a luz  
do EU SOU e a realidade do eterno existir.**

**VII**

**Ama a luz, a sombra e as coisas criadas que fazem parte  
do ciclo da tua vida.**

**VIII**

**Ama o bem e compreende o mal Para superá-lo.**

**IX**

**Ama a dor e sabe sofrer em nome de Deus.**

**X**

**Sabe viver e morrer; não odeies; sê humilde, simples,  
bom e generoso; vitorioso só e sempre sobre ti mesmo.**

**XI**

**Sê juiz apenas das tuas ações; somente a Deus compete  
julgar.**

**XII**

**Desperta em ti a origem da tua divina personalidade.**

# INTRODUÇÃO

Trevas no imenso seio incriado, véus escuros para ocultar o Poder Excelso do Mistério Perfeito e o imperceptível do Nada.

O abismo insondável da Eternidade, permeado pelo Inexistente, enchia de Si mesmo a Unidade Incriada.

Seria morte? Seria vida? Seria o sêmen da primeira causa que fermentava no infinito seio do Absoluto?

Quando teve princípio a Natureza?

De onde teve início a sua manifestação?

Qual foi o seu primeiro fruto?

De onde desabrochou a sua primeira flor?

Talvez da árvore do bem e do mal que mergulhou na sombra as suas raízes para oferecer os seus frutos à luz?

Qual teria sido a inteligência primordial a contemplar a eternidade?

Que mente super-humana gerou a vida, a ilusão e a verdade?

Quem fomos, onde teve início o nosso princípio, que causa representamos, o que seremos, para onde iremos, em que nos tornaremos?

Forma ou hálito? Luz ou Sombra?

Nenhum coração palpitava ainda marcando o ritmo do tempo; nenhuma mente se projetara ainda no espaço.

Vida e morte não mediam ainda seus extremos, e os limites não existiam porque não existiam barreiras. O sentido do nada era a única consciência inconsciente, Mãe de si mesma, e Esposa de seu Pai.

Cada coisa, cada aspecto, sepultado no nada da existência, não tinha dimensões.

Somente o Pensamento Divino, a Vontade Imóvel dominava o todo insondável do Infinito na Única Absoluta Dimensão.

Imerso no espaço, cada sentido, embora inerte, já vibrava flutuando no invólucro estático do princípio. Cada movimento,

mesmo sem existir, já existia desde sempre, fechado no sêmen da sombra do nada, ainda não fecundado pela Luz. A roda do tempo não tinha ainda começado a girar, e as asas da divina eternidade aguardavam o impulso prodigioso do Sopro para vibrar nas profundidades dos abismos.

Absoluto foi o princípio, um absoluto fundido em seus próprios princípios; sem causa, sem origem, causa imperecível de si mesma.

Nele, positivo e negativo existiam no Todo, sem aspectos definidos, incompreensíveis, não ainda espírito nem matéria, não ainda diferenciados, porém raiz do novo ciclo.

A letárgica espera dos eventos durava, já há sete eternidades, do "suspense que vai de um respiro vital a outro, completando o Pralaya no seio infinito do Criador".

Concentrado em cada molécula, o espaço fluava no vazio ilimitado na expectativa de que o Sopro realizasse a sua perfeição total.

Quem determinou o momento crucial que deu início à primeira causa?

Quem dividiu em dimensões o oceano do Todo e do Nada, e deu Espírito à matéria, luz ao pensamento, vestes materiais ao Hálito Divino?

Foi o "mantran" celeste do AUM (OM), que vibrando, despertou do repouso e do silêncio da eternidade, o germen de si próprio.

Foi o Excelso Negativo Aspecto do Mistério Perfeito, a Divina Mãe, o Supremo Poder Criante, fecundado pelo Poder Gerante, oculto no imenso seio da Sombra.

Sete períodos tinham atingido os ritmos "Brahmicos" do Eterno Presente, onde cada aspecto, adormecido no grande letargo não existia, embora palpitando na íntima vida da "natureza naturante", isto é, a natureza criante e agente.

Sepulto nas trevas do espaço, o Mistério gerador e Materno se realizava, lentamente, no invisível sopro do Nada, para que no milagre da gestação cósmica tivesse lugar à ressurreição da vida.

O sêmen não tinha, porém, ainda lançado as raízes da Vontade no divino seio, na expectativa de que o impulso da causa

sem causa vibrasse na natureza astralizada, diferenciando a Sombra da Luz, o Todo do Nada, o Silêncio do Som, o Negativo do Positivo.

E, neste Nada Infinito teve princípio o tênue fluxo da substância energia, na forma mais sutil e abstrata, raiz secreta de cada aspecto futuro.

Era a fonte oculta do astral, a força anímica do criado, ao qual não tinha ainda sido atribuído o valor das causas e dos efeitos, e nem confiado o peso do futuro e dos destinos.

Quando as expressões temporais não tinham dimensão porque se achavam fora de cada ilusão, dominava unicamente o eterno presente.

O tempo, diluído na eternidade, não tinha razão de existir, porque não se achando ainda desperta a consciência que fizesse vibrar na eternidade os acontecimentos da ilusão, não se podia medir o princípio e o fim de cada causa e de cada efeito.

Forma alguma começara a fazer parte da vida, e nada vivia na fugacidade do presente nem podia esperar os seus efêmeros limites para penetrar no passado ou aguardar o fluxo do futuro.

Na estaticidade do tempo, amadurecia somente o "vir a ser" da ressurreição universal no princípio do criado.

Os germens da vida não se fermentavam suspensos no nada da consciência cósmica, onde a Mente Divina repousara, diluído na "não existência".

Os poderes dos Seres Celestiais não podiam manifestar-se até que o ciclo "Brâhmico" não entrasse, novamente, no respiro da criação, determinando o instante presente, dimensional e rítmico.

Nada existia! Somente a existência sem fim do Inexistente, a Mente Augusta oculta no seu sono sem sonhos, a consciência Absoluta concentrada em si, no divino "Samaddhi".

O Pensamento Excelso repousava estático no beatífico êxtase que anulava os limites da recordação e das suas dimensões.

Os divinos Filhos e seus poderes não tinham ainda sido estimulados pela Lei, a fim de que pudessem contemplar a Vontade Suprema para atuá-La.

Não existiam os ritmos da vida porque ninguém os havia determinado como também não tinham ainda sido definidos os sete planos no ciclo da evolução, nem reveladas as causas do "vir a ser".

Cada coisa se encontrava ainda sepultada sob a sombra dos sete véus do mistério na expectativa da revelação.

As hierarquias para estabelecer a ordem e o equilíbrio, no seio imenso do todo, não tinham sido suscitadas pela cadeia das causas e dos efeitos, porque negativo e positivo, sombra e luz, princípio e fim, espírito e matéria eram ainda "Um".

No Imanifestado, a Existência não podia gozar nem sofrer.

Nada existia; nenhum aspecto tinha início; somente a Divindade perfeita em seu Mistério, a Potência da Mente.

Absoluta, a Inteligência Soberana que deveria dar hálito e corpo ao esquema eterno da criação, o Infinito Todo e o Infinito Nada, entre os quais se originaria a ilusão da nova palingenesia<sup>1</sup> suscitada pelos diversos estados de consciência...

## **PRIMEIRA MEDITAÇÃO**

Trevas... Trevas perfeitas... incriadas... divinas.

Trevas nas quais o nosso pensamento em concentração vai à busca de um jorro de luz que o guie em sua transcendente meditação.

Mas, onde iniciar a nossa ascensão? Onde encontrar o segredo primordial da imensa criação?

Como poderemos interpretar a primeira abstração da Unidade Geradora se não conseguimos nem sabemos avaliar a Sua eterna e infinita dimensão? Que valores possuímos para compreender os atributos da sua inconcebível Natureza, se, imersos nos abismos do movimento, não conhecemos a razão suprema da Divindade que nos criou para Ser, e o Poder com que organizou a Vida?

---

<sup>1</sup> Eterno retorno. Renovação, regeneração, renascimento. Reaparição periódica dos mesmos fatos, vidas e almas. Princípio filosófico e religioso admitido primeiramente pelos pitagóricos e estóicos. Crença na persistência da humanidade através dos ciclos históricos, segundo Vico.

Temos, contudo, em nós, a secreta certeza que do Perfeito, do Sumo Mistério da Inteligência Pura, nasceu o fulcro luminoso do Primeiro Verbo, o princípio daquilo que nunca teve princípio: a essência divina e humana da Substância Única no equilíbrio da divina Mente.

Somente que nas trevas da nossa consciência, perdidos na meditação, nada podemos fazer senão criar as imagens abstratas dos sonhos superiores, da mesma forma como no sono suscitamos e vivemos os pesadelos terrenos dos nossos sonhos inferiores.

Hoje, concentrando-nos no sacro Tabernáculo da Cósmica Aliança, prosternamo-nos ante o resplendente Altar de Deus, dominante da Arca do Criado.

Em um êxtase suavíssimo, perfumado de celestiais incensos, transportar-nos-emos ao misterioso penetral<sup>2</sup> de um mundo secreto, o mundo do nosso espírito, onde o pensamento, perdido nos infinitos meandros da vida, concentrado no nosso sonho, escutará a muda voz do divino silêncio. Silêncio feito de amor, na imensa paz imaculada, na transcendente harmonia de sagrados pensamentos.

Daquela voz silenciosa chegará a revelação que, na secreta face medúzea das suas trevas, o Mistério Perfeito oculta desde o princípio na íntima luz de um Poder consciente, ainda não expresso.

Era necessário que da Eternidade, ao chamado do Verbo, desabrochasse um novo ciclo e os abismos respondessem ao vibrante mantram da Vida a fim de que a ressonância de infinitos ecos repercutisse no imenso Todo, despertando as adormecidas forças espirituais.

Somente então o Vazio encheu-se de espaço e o Espaço tornou-se dimensão temporal na qual flutuaram os aspectos primordiais da manifestação.

Fechadas em si mesmas, esferas dilatadas do Grande Respiro teriam condensado, no vórtice de seu movimento, o Sétuplo Poder do Seu Mistério.

Então, vivificados pela potente Chama criadora, alimentados pelo Seu Infinito Amor, recebemos no signo das trevas o sêmen vivente da Sua Luz.

Hoje, nós, sacerdotes dos Mistérios, em recolhimento em

---

<sup>2</sup> Íntimo

torno do Símbolo dos Símbolos<sup>3</sup>, em profunda concentração, pensamos e meditamos na ilha sagrada do Criado, o Cosmo-Chacra da primeira Luz e no Verbo da Nova Era, excelso perpetuador das Divinas Ordens.

Meditamos na Voz do Grande Mestre que fala silenciosamente ao nosso coração para dar testemunho aos enigmas do destino cósmico.

Meditamos nas verdades que fluem no fugitivo reflexo dos tempos onde a água da vida, através dos raios infinito, decompõe o Seu Poder nos sete planos evolutivos.

Meditamos no grito de Luz que ecoa na eternidade das trevas e na voz da Serpente das Sete Cabeças Coroadas que alimenta no sétuplo corpo do criado, a chama da origem.

Meditamos, enfim, na potência da Divina Vontade, causa real e positiva de todo efeito binomial: luz e treva. Eterna a primeira na única manifestação. Transitórios e efêmeros os outros aspectos sempre sujeitos a lei da transmutação.

Meditai para entrar na essência radiante do Hálito quando fermentou o Vazio e coagulou o poder gerador da substância.

Quando no seio de **Jívatma**<sup>4</sup> se abriram os sete caminhos e na luz astral da alma do mundo encontrastes a vossa alma, a Sombra luminosa, na sua incorpórea negatividade augusta, recolheu-vos para os vãos cósmicos.

Escutai filho da terra, e meditai no ilimitado poder do Sete.

Para vós, gerados da necessidade divina, nasceram as causas dolorosas da existência. Para vós, filhos do sobre-humano amor germinou a primeira raiz quando o véu da imortalidade caiu no Nada e as gotas de luz, túrgidas do hálito, no frêmito do Primeiro Sopro, alimentaram com a sua Divina Essência a semente eterna da Vida.

---

<sup>3</sup> A Cruz da Vida

<sup>4</sup> JíVATMA em sânscrito significa a Vida Única Universal formada de duas palavras: JíVA, igual à Vida o sentido absoluto, e ATMAN, Espírito Universal; ou seja, vida total.

## SEGUNDA MEDITAÇÃO

Ontem à noite, no místico recolhimento do nosso espírito, concentrados em profunda meditação, contemplamos o Eterno.

Transumanizados no êxtase meditativo idealizamos a Vida além do Gênesis, no Pensamento Divino imerso na primeira dimensão.

A glória do Onipotente fez-nos regozijar com a Sua apoteose embora sofrendo com o Seu triunfo criativo. Compreendemos que todas as coisas suscitadas, pelo Mistério Perfeito, o Mistério dos Mistérios, iniciaram sua dolorosa descida...

Nossa meditação concentrou-se no princípio ainda expressão do nada, embora tudo já vibrasse, tudo respondesse ao supremo apelo do Seu Verbo.

Meditamos na dor da Tríplice emanção e no eterno vir-a-ser.

Meditamos no mistério do Seu Coração que se abriu para mostrar-nos a Sua Sombra fazer-se Luz, o Seu Silêncio tornar-se causa, o Seu Espírito transmutar-se em vida.

O Mistério dos Mistérios, o Mistério Perfeito, iniciava a grande descida, crucificando-Se para exprimir-Se. E meditamos na cruz que teria nascido daquela Cruz, na infinita dimensão da dor que o transcorrer dos séculos e o suceder dos acontecimentos teria preenchido.

Foi assim que o nosso espírito contemplou o triunfo inicial da Páscoa Cósmica.

Vimos depois surgir a Cruz do Criado, o grande Símbolo rasgar o Infinito, o Seu Raio tornar-se fogo e penetrar nos abismos incriados onde, transformados do caos, tornar-nos-íamos as sementes vivas da vida universa.

Revivemos também o alvorecer do novo Kalpa daquele Dia Eterno que não tem limites, daquele Dia que nunca teve princípio e nunca terá fim.

Nossa meditação conduziu-nos mais além: à força primígena, ao âmago do Grande Pai, súplices, adorantes na Sua rosa de fogo...

um nada ainda, mas parte já do Todo porque tudo já vibrava para responder ao sublime chamado do Grande Verbo.

Meditamos ainda na dor da Divindade que no sacrifício do "ser" crucificava os Seus poderes na extrema ânsia de estar em nós.

Foi o princípio da morte no Todo imortal e foi o princípio da vida no nada mortal.

Desde então, sonho e realidade foram as palpitações do existir, daquele existir que aguardava o sinal da luz para imprimir nos vazios cheios de espaços, o selo da Sua fecundidade.

Depois, abriram-se os céus, rasgaram-se as trevas e a materna vagina do espaço recolheu em si as sementes do Poder.

O segundo ciclo entrava na cósmica apoteose; o ciclo que se negativava na Mater Cósmica, na primeira Causa causada, primeiro aspecto do Amor.

\* \* \*

Hoje, a meditação prende-nos mais profundamente, mais intimamente, porque do triunfante Reino dos Céus vemos o Mistério Perfeito exprimir-se na Segunda Potência.

Negatividade és o sonho do Amor.

Negatividade és o efeito do Pai.

Negatividade és o símbolo da Vida.

Negatividade és a origem do Filho, és o Filho, a Causa do existir do eterno porvir, primeiro aspecto causal dos infinitos aspectos.

Meditando em Teu mistério, o coração abre-se de ternura ao perceber a Tua Sombra fazer-se Luz, o Teu Silêncio transformar-se em Som, o Teu Caos transmutar-se em harmonia, em equilíbrio.

Partiu, assim, de Ti a Lei, aquela Lei que ligou o Infinito ao infinito. Aquela Lei que encheu de Si os espaços e que ainda hoje permeia todas as coisas, vive em todas as coisas, arde no Todo.

Mãe, Mãe do Criado Tu foste, e nós Te sentimos vibrar como sangue celeste nas nossas veias, Te sentimos pulsar no batida do nosso pensamento, e meditando na Tua primeira origem, reconhecemos em Ti o Primeiro Aspecto do Uno. Primeiro aspecto formado da não forma, Primeira Força de todas as Forças...

\* \* \*

Inicia-se hoje o Teu Mistério glorioso, oh Mãe.

Mistério glorioso que se projetou em Maria, Mãe do Filho, quando o Poder Divino anunciou que a Luz Sublime havia fecundado a sombra do Teu seio.

Também Tu, como ele, aceitaste, humilde, o convite à Vida, conhecendo bem que provas, que renúncias deverias afrontar para exprimir-Te, que dores teriam constituído os cravos sacrificais da Tua Cruz e em que Cruz terias depois crucificado os Teus filhos no Criado.

O que mais importava, porém, a majestosa realeza da Tua Causa criadora era depositar em todos os aspectos negativos uma centelha de Ti, do Teu Mater no Amor, da Tua Sombra, da Tua Luz, dos Teus impossíveis sonhos, das Tuas sobre-humanas esperanças.

Sim, porque Tu, nascida pela esperança, porque Tu, brotada do Amor para a esperança, concentravas em Ti o Supremo Arquétipo da evolução, através do Calvário, o sacrifício da renúncia da vida, na morte e na ressurreição.

Por Ti, Mãe dos sóis, por Ti, Mãe dos mundos, por Ti os homens receberam o crisma do espírito e a dádiva da Vida.

E ainda hoje, vibrando eternamente no infinito amplexo de Deus, continuas a ampliar a Sua celeste mensagem em todos os aspectos.

\* \* \*

Eis, homens da Terra, o altíssimo e perfeitíssimo desígnio da Divindade que, na expressão de sua negatividade, quis fazer os Seus filhos à Sua imagem e semelhança, atribuindo-lhes uma centelha do Poder Criador.

Meditai, meditai profundamente. Cada um sinta a verdade como o seu coração pode concebê-la e o seu espírito captá-la. E talvez a luz se faça em vós entre tantas trevas e a sombra da vida parecerá menos escura, menos dolorosa e as vossas penas mais suportáveis ante a contemplação das infinitas dores da Divindade.

## TERCEIRA MEDITAÇÃO

Deus... Deus... Deus!

Eterno vórtice, eterno motivo de vida, eterno motivo de meditação.

Deus, nos Teus tríplices aspectos. Contudo, Tu, Deus, como cada coisa, Te tornas oculta aparência do nada na conjugação Paterno-materna do Teu dúplice aspecto. Mas que abismos, que trevas antes que a minha meditação possa atingir o Teu Coração de Luz?!

Tu **és**, és o Eterno, o Infinito, Tudo. Nós, porém, que somos, ante a Tua imensa grandeza, ante o Teu ilimitado poder? Nós somos os Teus filhos! A obra perfeita do Grande Artífice! O microcósmino criado, do Grande Criador.

Se o nosso pensamento, em seus excelsos vôos, consegue intuir a razão do porque de tudo, perde-se, entretanto, mais profundamente nos abismos sem fim de indagações às quais somente o Mistério responde, com voz quase sempre incompreensível: Por que Tu, Deus, nos chamaste para participar da Tua vida? Da vida da Tua carne e do Teu espírito? Para participar da soberba beleza daquilo que criaste?

Sim, Pai, sim, Deus, na maravilhosa apoteose do Teu pensamento, eu Te sinto em mim, na minha meditação. Mesmo, porém, quando estás vivo na minha consciência, palpável nos meus desejos, nos meus sonhos, nas minhas ânsias, não sei compreender completamente o valor dos Teus dons.

Os Teus três aspectos correspondem-se em mim e neles traduzo a essência do existir, porque a minha unidade reflete o Teu Tríplice Poder.

Hoje, a meditação transporta-me ainda mais para o Teu pensamento porque se faz impelente o desejo de encontrar-Te em todas as coisas, em todas as criaturas que me deste.

Oh, pudessem todos os homens reconhecer as secretas virtudes do espírito na meditação, seguindo-Te no caminho que nos aguarda pelas desconhecidas estradas da vida!

Oh, pudéssemos recuperar os perdidos fios das nossas virtudes e, superando os limites humanos, entrar na razão dos Teus "porquês", participar da Tua excelsa vida!

Fácil seria compreender-Te, compreender-Te nos Teus números e nos Teus aspectos mais absurdos, compreender-Te nas Tuas férreas Leis, no Teu amoroso respiro, no Teu sonho imortal.

Hoje terceiro dia do ciclo meditativo da Páscoa Cósmica, nesta ilha de paz, na serenidade do espírito, fruto de uma elaborada conquista, nós, através da nossa meditação, Te sentimos próximo como nunca, a fim de que o terceiro ciclo se inicie conforme os Teus desígnios.

É a hora do Espírito Santo.. É a hora na qual o nosso espírito se recolhe; em êxtase, diante do Teu Altar, diante do Teu Trono. E a hora na qual a porta da mente se abre para deixar-Te entrar.

Oh, coração, que por Deus palpitas, escuta a voz do Verbo. Ela ressoa para que te possas despertar, para que te possas abrir como flor preciosa, aos raios da Sua luz, para que possas receber a benção do Espírito Santo.

A hierarquia assim teve início...

**Mente, espírito, Verbo!**

Benditos sejam os primeiros aspectos.

**Assim seja**

## QUARTA MEDITAÇÃO

No princípio dos princípios os céus se rasgaram.

O Três caiu no Quatro<sup>5</sup>. E o sacro e misterioso Livro Akásico novamente abriu-se na eternidade. Com os seus ocultos hieróglifos, os seus sagrados hexagramas, os seus simbólicos emblemas ainda por decifrar, os seus incognoscíveis destinos.

Desde então, por incalculável tempo, assinala o desenrolar dos acontecimentos cósmicos, amadurecendo a forma real dos futuros aspectos celestes e terrestres em uma cadeia causal de efeitos.

Infinitamente, Ele distribui o divino pão do saber espiritual, pão de que nos alimentamos durante a vida porque encerra o mais excelso dos Mistérios: a Revelação Divina.

Desde que Deus lhe grava a primeira sigla do Seu Verbo perfeito, Ele oculta no Seu enigmático Rosto o segredo do passado e do futuro. Em vão a mente, na tentativa quase sempre inútil de interpretá-lo, intui, entre as indecifráveis linhas da vida, os mistérios ainda nele encerrados que fazem parte da consciência e do espírito do Todo.

Nossa meditação, assim, coloca-nos hoje no centro deste Livro, onde procuraremos perceber a sombra do passado e a luz do futuro.

Até agora, somente cantos, profetas e Mestres conseguiram penetrar o oculto significado dos cósmicos destinos ali contidos. Destinos de mundos, de sóis, de universos, de homens...

Aos comuns mortais ainda não atormentados pela inútil ânsia de interpretá-los, era dado apenas vivê-los, atendo-se às leis de causas e de efeitos.

Mas, se nos concentrarmos nas verdades neles encerradas, a inteligência originária aflora em nós dos abismos do nosso **eu** como

---

<sup>5</sup> A tríplice expressão divina do Criado espiritual caiu nos quatro aspectos dos elementos. Ver do mesmo Autor: A Suprema Lei.

um oráculo, e dos obscuros meandros do mente a antiga sabedoria nos leva ao ciclo da evolução e recorda a Divina queda dos céus nos planos inferiores da manifestação.

Um mundo mais alto, então, abre-se em nós, um mundo no qual mutações e transformações nos aparecem sob uma luz inteiramente nova. Um mundo aparentemente emaranhado e obscuro, mas que se torna claro, lúcido, possuidor das firmes linhas da ordem e da beleza.

Quando o Três caiu no Quatro o Quatro abriu seus braços numa imensa Cruz. Sigilo Kálpico do princípio e do fim, aquela Cruz seria, por Sete eternidades, o Símbolo da Vida e da Morte.

Foi assim que encerramos em nós, naquela hora divina que precedeu a angústia do que devia vir, a ânsia purificante de um pranto que teria banhado o nosso rosto na esperança de um glorioso destino.

Oh, Pai, pudéssemos escutar a Tua voz que nos chama e os nossos olhos derramarem doces lágrimas cintilantes de certeza naquele luminoso futuro que ainda nos parece somente sombra!

Oh, poder abater a muralha que limita a nossa consciência, rasgar o amargo véu de um passado que não somos capazes de recordar... e poder suplicar: "Perdoa se o nosso caminho é tão lento, se as nossas asas tão pesadas não sabem abrir-se imediatamente ao Teu Respiro! É verdade, Pai, as Tuas mãos se estenderam sobre o Criado. Não com gesto de perdão porque Tu não o havias condenado, mas para amá-lo, porque o tinhas plasmado com o Teu amor, para acolhê-lo no Teu imenso Coração, porque fazia parte de Ti!"

Não obstante, ele foi o Teu grande Judas. Mas o traído Filho da antiga prole brada do tempo sem limite: "Não compreendestes o Seu chamado, não sentistes a Sua Luz que aponta a vós, jovens rebentos de perdidas humanidades, o radioso futuro ser conquistado sob a carícia do Seu Pensamento?"

Não, oh Deus, ainda não amadurecidos para compreender-Te, no longo andar recolhendo somente a dor por nós inconscientemente semeada, cremos que a Tua dádiva de vida nada mais fosse do que um legado de infelicidade, e não uma oferta de doçura. Não sabemos recordar o tempo em que o Teu Olho de Céu ardia sobre o nosso incorpóreo ser e o início da vida não respirava

ainda da Tua Voz o bálsamo da alegria para as nossas Chagas.

Hoje, alegria e dor estão atrás de nós, mergulhadas em vagas nuvens de recordações, no abismo de um passado de que não há memória.

Talvez os sentidos humanos não soubessem então sintonizar-se com os Teus planos divinos e alçamos à nossa soberba a mais cruel das mentiras.

Nós, luzes da Tua Luz, sombras da Tua Sombra, acreditamos ser e blasfemamos: "Nós Somos Deus!"

Somente então o espaço caiu e a Tua mão ergueu-se para evocar: "Pai Celeste, por que Nos abandonaste, por que deixaste penetrar o nosso espírito na voragem da ilusão?"

Na dor, sinto ainda o Teu divino gesto que se estende, piedoso, para perdoar-nos, para chamar-nos filhos, para criar-nos, pare guiar-nos.

Como um sudário, a escuridão caminhou ao nosso encontro deixando-nos cair na eternidade cruel, em direção ao pesadelo do nada...

Desde então os túmulos assinalaram a descida do nosso eterno existir. Mas eles nada são em confronto com a imensa tumba do Teu infinito, com o divino sarcófago da Tua Criação onde elevaste o altar da Tua Cruz, o sacrário da Tua Vida, o templos do Teu Espírito.

Que valor assume o humano martírio ante a Tua Divindade crucificada? Crucificada pela vida do Teu próprio Criado, sepultada em trevas onde infernais limitações torturam cada partícula do Teu Corpo.

Esta criação que Tu quiseste e que é e será o Teu Calvário, a cruz que carregas através da apoteose evolutiva da manifestação pela transfiguração do espírito no grande respiro do Todo.

Símbolos... símbolos... símbolos... Palavras revestidas de imponderável essência.

Símbolos nos quais nos encontraremos, pelas virtudes perdidas, os conceitos mais transcendentais da nossa razão de ser no dia cósmico, no dia que se perde naquele espaço e naquele tempo onde não existem nem espaço nem tempo.

Que farei da minha cruel e falsa soberba? Sei que não podes

perdoar-me porque não pudeste, não podes condenar-me.

Hoje, como ontem, como sempre, a minha débil natureza limitada rompe em soluços a sua angustia.

Choro sobre a rude terra, sob o sol espiritual, fonte da vida universal. Choro pelo eterno Judas que, perenemente, se exalta e atraiçoa.

Eu sou aquele Judas, o Judas da Terra. Eu, o Cristo e o Judas de mim mesmo... e o Teu, oh Deus!

Sempre insatisfeito, ontem as minhas lágrimas testemunhavam a dor, a rebelião pelo Teu abandono; hoje, exprimem o desânimo pela Tua descida.

Na minha meditação, como poderei alcançar-te?

As culpas que perturbam esta vida não provocam eco no vazio do Teu espaço e as virtudes que a iluminam não revelam a realidade divina na tenebrosa escuridão do Teu tempo infinito.

Ontem, o meu coração exultava de alegria pelo fim do Teu sacrifício, a apoteose da Tua ressurreição. Hoje, cantarei as rotas da harmonia que anima os universos: o amor. . . a esperança.

Contigo, em Ti, não reina dor, não reina desespero, não reina alegria, mas, Unicamente amor. Amor e esperança que manterão intacta, resplendente a Espada da Vitoria. Aquela Espada que apontaste no Coração do infinito a fim de que não derramassem sangue as feridas do tempo, mas verdade e luz, atraindo-nos para a grande apoteose da ressurreição cósmica.

Por isso, hoje, diante das grandes causas da dor, busco a nascente de onde se irradia o eterno existir, onde teve início o calvário universal.

Busco o pão divino na Hóstia solar, coração do universo. Busco o sopro da redenção no vinho oculto no misterioso cálice do Teu Sacrifício.

Já foi vendida a Tua carne, ofendida a Tua augusta paternidade pelos Teus próprios filhos. Desconhecida e traída a Trindade do Teu mistério evocativo dos mundos!

Como não foi flagelada pelo nosso blasfemo pensamento a vida já circundada pela flamejante paixão de uma coroa de sóis?

Atinge a nossa meditação a harmonia sacrificial da Tua alma

infinita que recebe a voz de uma eternidade cheia de incompreensões e insultos.

Uma secreta angustia assalta-nos ante a Cruz que aguarda o Teu espírito.

E daquele símbolo de vida e de morte pelo eterno exprimir do Teu querer, clamaste sempre com a luz do Teu coração:

***"Eu sou o Senhor Teu Deus, não terás outro Deus além de Mim.***

***Eu sou a Vida, a Verdade, a Revelação, o Filho.***

***Eu sou o Todo, o Nada, o Espírito Santo.***

***Eu sou o Princípio e o Fim, a Morte e a Ressurreição.***

***Eu sou o teu Bem e o teu Mal, a fim de que Me possas compreender e amar, assim como sou, em todos os aspectos.***

***Eu sou a Cruz do teu ciclo evolutivo.***

***Eu sou o teu Avatar."***

E nós sentimos vibrar como nunca o poder consciente Daquele que foi Pai, sacrificando-se antes do Filho.

\* \* \*

Amanhã iniciar-se-á a Sua descida no Terceiro Ciclo Cósmico. Amanhã, trevas sem fundo irão ao encontro do Sacrificado. Amanhã, a morte cósmica terá começo para que dela possa ressurgir a nova vida.

Escuta, escuta filho das trevas, a Minha sétupla voz:

**"Absoluto no Tempo divido as eternidades sepultando-Me nas trevas a fim de que tu possas ressurgir no reino da Minha Luz!"**

## QUINTA MEDITAÇÃO

Uma cruz...

Seis asas...

Seis poderes...

Quatro flores...

Sobre este imponderável mistério versará o tema da nossa meditação de hoje.

Quinta-feira Santa, dia, dos sepulcros!

Há dois mil anos, na Terra, o Filho Único, cumprindo majestosamente as sagradas escrituras, submetia-se às Leis divinas e às humanas, preparando-se com a oferta sacrificial de Si para entrar no seu negro apogeu.

Este dia de paixão representa cosmicamente o quarto ritmo evolutivo da criação, o quarto período de um princípio onde em contínua sucessão as leis projetar-se-iam ao infinito para alcançar o homem.

"Mas desde a hora sexta à nona, fez-se grande escuridão sobre a Terra".

"E, pela hora nona, Jesus clamou: "Eli, Eli, lama azavtami". "Deus meu, Deus meu, por que Me abandonaste?"

Também Ele dirigia ao Grande Pai o Seu apelo, porque de Deus, de Todo Único Primogênito e da Sua Dúplice e Tríplice inconsciente consciência desceu para fazer-nos participar, com a nossa consciente inconsciência, da Sua Vida infinita nas inúmeras expressões hierárquicas que se projetaram nos quatro horizontes do Seu Respiro.

Hoje, no quarto dia criativo, o Todo deu princípio ao Nada e sobre o oceano abismal do imponderável Único, Perfeito, Potente, adejava o respiro do Uno na Sua Sombra e na Sua Luz.

**I. "E, no princípio, Deus criou o céu e a terra".**

**II. "E a terra era sem forma e vazia".**

**III. "E as trevas cobriam a face do abismo".**

**IV. "E o Espírito de Deus pairava sobre as águas".**

E Deus disse: ***"faça-se a luz e a luz se fez."***

Trevas-Luz, sonho que perpetua, na infinita consciência do Cosmos, o supremo mandamento da origem.

Bem - Mal

Alegria - Dor

Foi a causa negativa Materna quem recolheu a ordem divina. Foi Ela quem abriu o novo ciclo das eternidades, transmitindo-o ao Filho pare que se oferecesse aos Seus algozes, aos Seus Judas, aos Seus Fariseus.

A descida, na qual a Mente recamaria nos céus, com o seu mudo suspiro, os símbolos da vida, foi uma infinita cadeia de causas e de efeitos.

A Segundo Era sucedeu a Primeira para assistir a um Deus ser martirizado sobre os rudes braços de uma cruz e ao sacrifício do Filho do Homem macular de sangue o mundo, condenando um povo pela infâmia de uma geração.

Desceram as trevas sobre a terra naquela hora de tragédia e de terror. Rasgou-se o véu que cobria a Arca do Templo e a Justiça Divina abriu as cataratas do céu. E, contudo da boca do Cristo agonizante aflora apenas uma súplica de paz, de perdão, uma oferenda de sobre-humano amor:

"Oh, Deus! Perdoa-os, eles não sabem o que fazem. Era o crepúsculo de um mito humanamente sentido. Era a aurora, o princípio do mito divino. Na sua luz filtrava-se uma ânsia arcana que anulava a ira celeste. Restava só, elevada no silêncio, suspensa no nada, uma ilusão de vida.

\* \* \*

Esta noite, na nossa meditação, anulando-nos na imota paz de uma infinita estaticidade, aproximar-nos-emos do eterno fogo, adormecido no marmóreo seio da terra ou que ruga nos céus, para buscar no coração de cada ser aquela centelha de bondade que transmutaria o mundo e o universo.

Hoje, porém, a Humanidade cruel e soberba esfinge, com os seus ídolos destruídos, os seus ideais frustrados, os seus sonhos perdidos, luta consigo mesma, debatendo-se em um existir que não é existir para sobreviver a uma agonia que não será morte.

Do túmulo, que é a alma do seu corpo, suspira e olha o céu para implorar ou blasfemar, para exigir ou orar, para louvar ou difamar Deus... Deus, de quem teve a vida pela eterna ressurreição do espírito e a morte pela perene transmutação da carne.

E como um dia clamou sem piedade pelas ruas de Jerusalém: "Crucifica! Crucifica! Crucifica!", alteia agora a voz para condenar.

Condenar, crucificar, coroar de ultrajantes espinhos aquela Divindade criadora que os fez homens, que lhes deu hálito e força, que os ajudou a caminhar nos abismos dos céus, oferecendo as virtudes de ver, de amar, de pensar! Pensar com a mesma mente cruel com a qual construíram a sua cruz, nela cravando o Cristo Cósmico, o Pai, Deus.

Contudo, apesar de todas as culpas que humana e indignamente Lhe atribuíram, Ele na Sua dor infinita repete as sagradas palavras: **"Eu vos perdô porque não sabeis o que fazeis."**

Os vossos erros estão em vós, as vossas culpas são e serão as vossas cadeias e as vossas trevas. O único mal é o que em vós mesmos se abriga. Tudo quanto de negativo e de sombras sofreis na vida é porque vós assim o decidis.

Um dia, traídos, vilipendiados pelas vossas ações, condenados pelos vossos pensamentos e pela vossa consciência, abraçareis a vossa cruz, subireis o vosso calvário, caindo, levantando-vos, até a vossa pena não vos crucificar com os cravos do vosso egoísmo.

**"Eu caí e Me ergui na Primeira Era."**

**"Eu caí e Me ergui na Segunda Era e o Filho do Homem ajudou-Me a levar a Cruz, como Ele foi ajudado pelo Sarraceno a levar a Sua."**

**"Eu caí, mas Me erguirei pela terceira vez, na Terceira Era, para ser crucificado pelas trevas da vossa incompreensão, mas também para ressuscitar, ressurgir, renascer, para ser novamente o Único, AQUELE QUE É."**

**“Entrarei nas trevas, transporei o umbral dos infernos que preparastes para Mim, mas sobre todas as coisas brilhará a Minha luz que iluminará uma nova fé, uma luz de amor que reavivará novas esperanças e far-vos-á compreender o valor da vida.”**

Eis o que dirá o Pai àqueles filhos que O ignoram ou fingem ignorá-lo, o Pai que nos criou e a quem traímos cada dia, cada hora, cada minuto. O Pai a quem o nosso coração dedica somente brevíssimos instantes da nossa existência, raríssimos frêmitos de um hipócrita pensamento interessado, como retribuição do Seu Infinito Amor.

\* \* \*

Uma cruz... <sup>6</sup>

Seis asas...

Seis poderes...

Oh, Pai, pudéssemos derramar lágrimas abrasadoras como os Teus sóis que não destroem.

Oh, Pai, pudéssemos sentir-Te como nunca Te sentimos, nesta hora dolorosa, nesta hora em que deuses e homens vivem a apoteose do Teu divino Sacrifício.

---

<sup>6</sup> Em redor do fulcro da meditação, a cruz abre os seus quatro braços.

Do centro partem seis asas ou seis poderes, para completar o Setenário.

## SEXTA MEDITAÇÃO

Sob o signo negativo de Venus, teve início a agonia cósmica da Luz celeste-terrestre.

Horas tremendas, horas sem fim, horas nas quais o calvário da vida se exprime em cada centelha da transhumanizada consciência da criação.

A vida suscitada do seu nada, iniciada dos Divinos Mistérios, multiplicava as partículas do Eterno Ser que, com a manifestação, havia iniciado o ciclo da Sua dor, o ciclo da Sua agonia. Porque se tudo aquilo que nunca teve princípio está sempre presente na sua vida infinita, tudo o que tem princípio, ao contrário, morre continuamente, agoniza eternamente.

Mas assim devia ser para que a vida se perpetuasse, para que Deus se manifestasse, o Seu pensamento se fizesse luz, a Sua vontade trevas, o Seu respiro verbo.

Sexto dia criativo...

Sexto dia de uma humana paixão no quadrúplice aspecto da Cruz onde agonizam luz e trevas em uma luta de vida e de morte... uma procura de bem e de mal... um contrastar-se, um dilacerar-se, eternamente.

A Divindade exprimia naquele Cristo Cósmico o reflexo de todas as Leis que teriam projetado na carne da humanidade, com a imagem deformada do Pai, os martirizantes sinais da evolução.

Dia triste, angustiante, para quem sente e vibra no Símbolo daquelas Leis, com o pensamento voltado para Deus.

Dia de uma não-humana tragédia.

Dia no qual até os mais insensatos, os menos dedicados às verdades do Espírito sentem o fluxo daquele amor que nos vem de Deus.

Quantos, quantos dias de paixão formarão as crises cruciais da vida humana? Quantos e que cravos crucificarão a humanidade ao lenho da própria dor? Quais e quantos espinhos torturarão o pensamento, coração o espírito?

Hoje, nesta Páscoa que abre o novo ciclo evolutivo, inicia-se o epílogo da Segundo Era, a agonia da presente humanidade.

Primeiro foi Deus, causa e aspecto da criação, a morrer na Sua criatura, traído pela própria expressão de vida por Ele suscitada. Depois, foi o Filho de Deus, o efeito do Grande Pai que, traído e vendido, fechava a ciclo do espírito.

Condenada, martirizada pelos acontecimentos, crucifica-se a si mesma com os seus desejos, as suas paixões, o seu orgulho, as suas ambições.

Como então, nos tempos dos tempos, tremeu a terra, escureceu o céu e o fulgor rasgou as trevas, assim também nos que estão para vir, grandes sinais divinos anunciarão a Sua vinda e tremerão as nações e os homens sob a Verga do Seu poder.

\* \* \*

A agonia continua. Meditemos, meditemos profundamente sobre o ciclo das esferas e os acontecimentos que deverão ocorrer. Meditemos sobre o destino dos homens, o qual, a partir deste dia, abre as portas a novos eventos.

A sombra do Mal ameaça todas as coisas. Sua serpente, seus algozes, seus Judas aproveitam-se da Cruz humana, querem crucificar-vos, distrair vossos pensamentos, destruir vossos propósitos, anular vossos projetos.

Aguardar-vos-ão na passagem, como Guardiões do Umbral de infinitos infernos, para dificultarem vossa ascensão, deterem vossa apoteose.

Mas como - diz o homem - como esperar de Deus, como esperar do Filho de Deus a atuação do Seu Verbo, a realização dos Seus mandamentos? Como, onde encontrar a força que dará impulso para vencer? Quem nos salvará se Deus e o Cristo estão no túmulo?

Os Judas, os fariseus, os Herodes, uma infinita legião de traidores não atemorizam Deus.

Cada um trançará a sua corda para flagelar o próprio egoísmo e castigar a própria malvadez.

Cada um abrirá, com as próprias mãos, a pedra do seu sepulcro para mergulhar nas suas trevas.

Cada um O invocará inutilmente por muitos séculos para o retorno à Luz e, então, sua ânsia converter-se-á em espasmos, seu coração torcer-se-á em mil angústias e provas sem fim. Seus tormentos serão tantos, por ele mesmo criados, que o homem reconhecerá seus erros e suas culpas.

Deus — como ontem lembrei - não estende a mão pare punir porque nunca vos condenou. Ele estende Sua mão de Luz para indicar-vos o caminho e repetir-vos, como então:

"Eu sou a Vida, Eu sou a Verdade, Eu sou a Evolução."

Sob esta afirmação, porém, haverá um secreto calvário que cada um percorre quando, encontrada a sua cruz, a transportar conscientemente até o monte onde ardem as três chamas.

Três chamas de valor simbólico porque nelas se crucificaram o espírito, a alma (o astral), a carne.

Pai, Mãe, Filho... Pai, Filho, Espírito Santo.

Meditai Meus filhos, nesta hora em que se fecham os túmulos e se abrem os céus...

Meditai sobre o princípio e o fim de todas as coisas. Não procureis fazer de vosso coração o sepulcro do Mal, mas o templo do Bem.

Olhai para o alto onde grandes astros vos sorriem, onde o céu vos abençoa, onde o sol ilumina.

Deus está lá, aqui, em todas as coisas... Fazei da vida uma só expressão, um Único sonho: Amor, Amor, **AMOR!**

**Assim seja**

## SÉTIMA MEDITAÇÃO

Elevada a um altíssimo nível ideal, a meditação de ontem colocou-nos em contato com os sublimes valores místicos dos planos divinos onde apenas a mente superior, em um especial estado de graça, pode penetrar.

O universo inteiro e os seus enigmas estavam em nós, na imaginação, na parte mais pura do nosso **eu**, que podia compreendê-lo nos seus símbolos essenciais, partícipes da eterna herança do nosso espírito.

O nosso pensamento concentrar-se-á hoje em novos temas meditativos, em outras manifestações, que participam do Todo, do perfeito Criado, sonho místico de Deus.

Naquele sonho nós nos encontramos, sem caminho de saída, prisioneiros de uma poderosa rede invisível de destinos, de uma vontade que não é nossa, mas na qual exprimimos a nossa.

Estamos, por ventura, condenados? Sim, estamos.

Encerrado nos limites da sua cela, o prisioneiro não vê a extensão das suas culpas. Obcecado pelo desejo de liberdade, injuria os juizes, causa da sua condenação, rebela-se contra a justiça que o segregou do consórcio humano. Quase sempre defende os seus crimes como uma coisa lógica, conseqüência de direitos que lhe pertencem, ou então acusa outros de havê-lo impulsionado para o mal, para o desespero, para a ruína.

Mas, contido na sua prisão, o seu pensamento é livre, sem cadeias, livre como o ar para transportar-se aos preciosos lugares da recordação. Mesmo quando o seu corpo é torturado pela rebelião e pela ira, na calma da mente pode, com a imaginação, fruir as horas de beleza e serenidade vividas, reviver as doçuras já provadas.

Ocorre o mesmo com o espírito. Divino e eterno na sua não humana liberdade, ele viveu uma eternidade de alegria, imensas felicidades, supremas apoteoses, maravilhosas conquistas celestes.

Hoje, recluso no cárcere da forma, sente-se e acredita estar vencido. Os seus desejos convertem-se em grito de paixão, de indiferença, de insatisfação, de frustração. Rebelar-se contra a força incoercível da vida que o condenou à dor, às limitações, à existência que o agrilhoa.

É duro ser prisioneiro. É duro estar sujeito a causas que constroem a nossa vontade às imposições do seu curso. Mesmo, porém, se é angustioso ser escravos da condição humana, o seu pensamento é livre, pode em qualquer momento evadir-se desta prisão, retornar a Pátria celeste, a casa do Pai onde viveu indescritíveis horas eternas de ventura e a qual é perenemente ligado por um vínculo indestrutível através da mente.

O espírito pode fugir ao pesadelo, que o oprime como um pavoroso sonho, e reencontrar nos vãos ideais a apoteose para que foi criado e da qual desceu.

Este tema de meditação foi propositadamente apresentado para fazer-vos compreender o porquê das coisas terrenas e a justiça das Leis. daquelas Leis que descem retas como lâmina que tem dois gumes, mas sempre um único corpo, e uma única manifestação.

Meditemos assim sobre a realidade que se concentra sobre a tortura da carne e da mente que não sabe, ou não quer libertar-se daquilo que dificulta os livres vãos do pensamento e do espírito refreando o impulso evolutivo.

Remontemos no tempo: Jesus estava morto, o Seu sepulcro aberto para receber o Seu precioso corpo. Duas prisões, ou melhor, três prisões com aquele hipogeu O haviam vinculado à invencível cadeia dos acontecimentos. Invencível, mas apenas na aparência.

O cárcere no qual os homens O haviam encerrado punha à prova a fraqueza da carne, com os seus desejos, as suas ânsias, e, porque não? as suas rebeliões.

O invólucro físico animado pelo Espírito Divino para viver o Seu martirizante calvário e por fim o marmóreo sarcófago frio O envolvia nas suas trevas de morte...

Isto nos reporta a outro gigantesco acontecimento, o nascimento do Criado Kalpico e o reflexo de uma imensa descida, a via-crúcis da Divindade na queda Cósmica...

Deus, prisioneiro da Sua própria Criação. Deus, prisioneiro no corpo da Sua humanidade. Deus, sepultado no túmulo da vida por Ele mesmo suscitado.

Meditando ainda, poderemos interrogar-nos: se, divinamente, para exprimir a vida, Deus se aprisiona na tríplice dimensão do Seu Poder, quantas e que prisões encadeiam o homem?

Estranho, o homem tem quatro prisões. Ele é prisioneiro da vida, do seu corpo, da sua mente, do seu túmulo.

Tudo isso que digo tem apenas valor simbólico para quem souber compreender, pare quem puder intuir o oculto significado das Minhas palavras.

\* \* \*

Retornando a nossa coroa meditativa, penetremos no reino das trevas. Não mais trevas celestes, como aquelas sobre as quais já meditamos, mas trevas humanas, trevas nas quais o homem se perde e se reencontra unicamente na procura de Deus.

O círculo se restringe. A tênue claridade da última aurora surge trêmula, sobre um mundo em chamas, dilacerado, golpeado por todos os lados pelo egoísmo e pela violência das mesmas criaturas que esperam somente a vida, uma vida que, pelo contrário, é morte.

Também esta será uma Páscoa de dor. A vítima, porém, não mais será um Deus, nem um Filho de **Deus**, mas o próprio gênero humano que dará a sua contribuição sacrificial ao Novo Ciclo.

Olhando o Sepulcro Divino, que veremos? Não mais a um Deus, mas a ti, humanidade, não mais a Ele, certeza de céu, mas a ti, unicamente a ti, uma imagem ilusória, e então o nosso coração bradará: "Maya, Maya, que fizeste do Teu Deus? Como poderemos encontrá-lo na imensa miragem dos seus limites, no túmulo da tua soberba aparência e do teu desmesurado orgulho?"

\* \* \*

O dia terminou. Cada apóstolo, oculto na gruta do seu eu fugiu renegando o Seu Mestre. A própria pedra não quer admitir que haja sido criada por Deus. Contudo, sobre aquela pedra, alimentada pelo sol Ele criou o Seu Templo Universal.

Foi dito: "no princípio era luz; depois vieram as trevas, mas estas não satisfizeram a Deus e Ele abriu os sigilos, descobriu as cósmicas páginas da eternidade, convocou os espíritos, anunciando-Se nos eventos do Seu Pensamento e do Verbo".

Hoje, vibra suave em nós aquele pensamento, não ouves? Não o ouves, homem, na voz de todas as coisas que te circundam, chegar até o teu coração?

- Não é o sopro do ar, não é o canto do mar ou do vento que fala?

- Não, é a voz sobre-humana na qual Deus se desperta, retomando na mão o bastão do Seu poder, exprimindo em cada aspecto a grandeza do Seu Ser.

\* \* \*

O sol está por nascer. Os discípulos dirigem-se ao túmulo do Mestre, mas Ele não está ali, Ele está dentro deles mesmos, está ressurgindo nos seus espíritos e eles participam desta imensa felicidade que vem do céu. Também nós, hoje, podemos repetir: "Rabi, Rabi, Rabi, Deus, Deus, Deus, eis o nosso coração, eis o nosso espírito, eis o nosso corpo, faz neles o Teu Templo. Nós estamos em Ti, e Tu em nós eternamente, em cada plano, em cada esfera."

E Ele nos repetirá as mesmas palavras que pronunciou com outra voz, olhando-nos com os olhos do Seu céu: "Vá, diga que Eu voltei entre os homens pelos homens. Eles são os Meus filhos que não deixei nem jamais os deixarei. Vá, diga a todos os povos: a hora da descida do Espírito Santo chegou! Será a hora da verdade, a hora da prestação das contas. Cada um saldará com a moeda da sua consciência o resgate das suas culpas e das traições realizadas na vida.

Vá e diga a todos os povos e a todas as raças: Eu sou aquele Deus Único que do tempo dos tempos tenho entre as Minhas mãos as chaves dos vossos destinos cósmicos e planetários. Habito nos vossos corações, alimento os pensamentos da vossa mente, suscito a vida no eterno vir-a-ser do vosso espírito. Que o homem se reconheça em Mim, criatura de amor, se não quiser que a sua perene ascensão possa inverter a ordem do seu caminho.

Compreenda e medite sobre todas as coisas que lhe doei e adquira consciência dos próprios valores porque Eu quero ressurgir do Túmulo do seu egoísmo e triunfar na fé de seu coração e na luz de sua mente."

**Assim seja**

## APOTEOSE

Todas as religiões têm um dia comemorativo em que depositam os valores simbólicos de sua fé.

Estes valores tentam refletir ou exprimir o ideal supremo de um Poder Divino que governa a terra. Existe sempre um ligame oculto entre a Divindade e a humanidade, que se manifesta num plano mental e espiritual sem distinção de credos.

Antigamente, exaltavam-se os ciclos solares primitivos, além dos estelares, para adorar no Sol, no fogo e nos astros os aspectos da vida. Então, unicamente os representantes da sombra e da luz participavam do panteon dos deuses.

Vieram depois, idealizados, os símbolos totêmicos e tebáicos que, instaurando cultos idólatras de coisas animadas e inanimadas, demonstraram como o poder da criação se fazia vivo nos aspectos mais absurdos que o homem definia como sagrados.

O feiticismo multiplicou os ídolos juntando-lhes outros, novas formas de adoração que, embora não chegassem a destruir o valor dos precedentes, vinham acrescentar-lhes um interior cada vez mais perfeito e mais adaptados à evolução dos tempos.

Era como se o Grande Artífice, sem repouso, tenazmente, lapidasse o diamante do Seu Criado, constelando-o de preciosidades com a imensa virtude do Seu Espírito Perfeito<sup>7</sup>.

Esferas, candelabros, espadas, cálices e, sobretudo, a Cruz sucederam-se ao Poder da Verga, a Justiça da Balança entremeados aqui e ali do precioso simbolismo de outras formas póstumas da vida e da morte, aderente aos aspectos do culto, ou antes, dos cultos, e conforme as fases da evolução e da Revelação.

Nesta Nova Era em que se devem reassumir os valores totais do Criado e retomar os perdidos contatos com a Divindade da qual o homem se afastou, os atributos destes símbolos, sem exceção de nenhum, farão parte desta grande fé cósmica originária a fim de que no grande quadro do UM se forme novamente o precioso mosaico das idéias-mãe da Primeira Divindade.

---

<sup>7</sup> Trabalho lento, fatigante, a durar milhões de **eonis** porque efetuados sobre uma matéria fria, efêmera, incompreensível, o Nada, enfim.

Cada coisa será respeitada pelo respeito que impuser.

Cada coisa será amada pelo amor que suscitar.

Cada forma será adorada pelas virtudes intrínsecas que representar ou souber despertar no nosso espírito.

O ciclo que se abre apresenta uma série infinita de acontecimentos, uma seqüência de conquistas como, até agora, nunca o homem sonhou. As conquistas, porém, deverão realizar-se em perfeita união entre matéria espírito a fim de que no sentido mais elevado o homem se tome mente de Deus e possa entrar no Mistério daquele Reino que lhe pertenceu e lhe pertence, participando daquela sabedoria nos limites das suas virtudes.

Conhecerá completamente o que é bem e o que é mal porque a Árvore da Vida em plena florescência oferecer-lhe-á generosamente os seus frutos.

Por isso, hoje, quando há dois mil anos a vida oferecida no monte do sacrifício era deposta de uma cruz na transitória obscuridade de um túmulo, do qual ressurgiria, hoje, repito, o Símbolo daquela mesma cruz não traz o peso de um corpo, mesmo Divino, mas a luz de uma Idéia, os valores do Sétuplo poder, a Tríplice chama do Criado. Acesa às vezes, às vezes apagada, aquela chama está, contudo sempre viva por aquela Cruz que representa a humanidade toda, toda a Criação, a Cruz da Vida, a morte do espírito.

Eis os valores das três chamas colocadas sobre a Cruz. Eis o Símbolo das Seis asas que se irradiam do ponto onde ela representa o princípio da descida.

Quando a Lei atua, mesmo se não são mãos humanas que preparam um altar ritualístico ou uma ara sacrificial, aquelas mãos serão sempre guiadas pela força imponderável dos acontecimentos, ordens e causas que vêm de muito, muito distante...

Por outro lado, sabeis que sois um Símbolo único de todos os números da eternidade e da infinidade. Um Símbolo da Divindade que deveis representar.

Hoje, porém, diante deste Altar, diante deste simulacro de Sepulcro, abrindo o Ciclo da Nova Apoteose sobre a tradição de ontem, inicio o triunfo do espírito sobre a tradição de ontem, inicio o triunfo do espírito sobre a carne, da razão sobre a mente.

E agora tiro a Cruz, a fim de que Ela seja o sigilo do princípio e do fim desta Era, a fim de que a humanidade já crucificada não mais se debata nas trevas do seu sepulcro.

**Assim seja**

## **SÍNTESE DAS MEDITAÇÕES CÓSMICAS**

Trevas... Trevas perfeitas... Incriadas... Divinas.

Trevas nas quais o nosso espírito vai em busca de uma luz que o guie em sua profunda meditação.

Concentrados no Sacro Tabernáculo da Cósmica Aliança, prosternados ante o resplendente altar de Deus, mergulhemos num êxtase suavíssimo impregnado de celestiais incensos. Um êxtase que nos conduzirá ao mistério de um mundo ideal, o mundo do nosso espírito, onde escutaremos a muda voz do divino Silêncio. Silêncio feito de amor na sobre-humana paz imaculada de puros pensamentos e transcendentais harmonias.

Sacerdotes dos Mistérios, em recolhimento perante o Símbolo dos Símbolos, meditemos. Meditemos na ilha sagrada do Criado, o Cosmo-chakra da Primeira Luz, e no verbo da Nova Era, excelso perpetuador das divinas **ordens**.

Meditemos na voz do grande Mestre que fala silenciosamente aos nossos corações pare testemunhar os enigmas do destino cósmico.

Meditemos no Pensamento Divino imerso na primeira dimensão, quando o Misterio perfeito iniciava a sua grande parábola evolutiva crucificando-se para exprimir-se.

Meditemos na cruz que teria nascido daquela Cruz, no desdobrar-se das infinitas dimensões e no transcorrer dos séculos que a sucessão dos acontecimentos iria preencher.

Meditemos na Cruz do Criado, o Grande Símbolo que rasgou o Infinito, no Seu Raio que se tornou fogo e penetrou nos abismos incriados.

Meditemos na potência da Divina Vontade que forma a realidade da causa e dos efeitos e no ilimitado poder do Sete.

Meditemos no grito de luz que ecoou na eternidade das trevas, e na voz da Serpente das Sete Cabeças Coroadas que alimentou, no Sétuplo Seio do Criado, a chama da origem e das manifestações.

Meditemos intensamente para entrarmos na essência radiante do Hálito quando fermentou o Vazio coagulou o Espaço com o poder gerador da substância.

Meditemos no alvorecer do novo Kalpa daquele Dia Eterno que não tem limites, daquele Dia que nunca teve início e nunca terá fim.

Meditemos no princípio dos princípios quando no inefável âmago do Grande Pai, inebriados de felicidade, nos quedávamos súplices, adorantes, na Sua Rosa de Fogo...

## II

Na doçura deste recanto de paz, na serenidade do nosso espírito, meditemos no Mistério dos Mistérios que, para exprimir-se na Segunda Potência, se negativizou na Mater-Cósmica, Primeira Causa Causada, Primeiro Aspecto do Amor.

O nosso pensamento enche-se de ternura ao meditar no mistério do Coração Paterno, que se abriu para mostrar a Sua Sombra tornar-se luz, o Seu Silêncio transformar-se em som, o Seu Caos transmutar-se em harmonia.

Ó Negatividade, tu és Símbolo da Vida, origem e expressão do Filho, causa da existência do eterno porvir, dos infinitos aspectos.

Mãe, Mãe do Criado tu foste, e nós sentimos o Teu vibrar no sangue de nossas veias, sentimos o Teu pulsar nas batidas do nosso coração, no nascer do nosso pensamento.

Meditemos na Tua Primeira Origem, Primeiro Aspecto do Uno, Primeiro Aspecto formado da não-forma, Primeira Força de todas as Forças.

Meditemos no Teu mistério, mistério glorioso como o que se projetou em Maria, Mãe do Filho, quando o Poder Divino anunciou que a Luz Sublime havia fecundado o nada do seu **seio**.

Tu também, Negatividade, aceitaste, humilde, o convite a vida, consciente do sacrifício a enfrentar para poder exprimir-Te, bem conhecendo as dores que teriam constituído os cravos da Tua Cruz, e a Cruz que no Criado seria posta nos ombros de Teus filhos.

Em todas as negativas depositaste uma centelha de Ti, do Teu materno amor, da Tua Sombra, da Tua Luz, de Teus impossíveis sonhos, de Tuas sobre-humanas esperanças.

Por Ti, Mãe dos Sóis, por Ti, Mãe dos Mundos, por Ti os homens receberam o crisma do espírito e a dádiva da vida. Vibrando eternamente no infinito amplexo de Deus, Tu levas a Sua divina mensagem a cada aspecto vivente.

És o sonho da Divindade que, na fé da própria maternidade, quis fazer de Seus filhos a imagem do Seu Poder.

Meditemos, meditemos profundamente, porque concentras em Ti o divino anseio da ressurreição através do Calvário, o sacrifício da renúncia, da morte, da evolução.

Talvez assim a luz se faça em nós, a sombra da nossa vida se torne menos densa, menos escura, menos **angustiante**, e as nossas dores mais suportáveis ante a concepção das infinitas dores da Divindade.

### III

Esta é a hora do Espírito Santo.

É a hora em que o nosso pensamento se recolhe, contrito, diante do Seu Altar, diante do Seu Trono.

É a hora em que se descerram as portas da mente para dar passagem ao Consolador.

Ó coração, que por Deus palpitas, escuta a voz do Verbo! Ela ressoa para que possamos despertar, para que possamos abrir as nossas almas, como flores preciosas, aos raios da **Sua luz**.

Quando Deus gravou a primeira sigla do seu Verbo Perfeito, o registro akásico mostrou a sua enigmática face. Quando os céus se rasgaram, o misterioso Livro do Destino, contendo a Revelação Divina, desdobrou as suas páginas na eternidade, com os seus emblemas simbólicos, os seus perfeitos hexagramas, os seus ocultos hieróglifos.

Meditemos nesse Livro Sagrado procurando perceber a sombra do passado e a luz do porvir. Livro de que, até agora, somente santos e profetas puderam penetrar o seu oculto significado da sorte de mundos, de sóis, de universos, de homens...

Meditemos a fim de que também possamos, com as luzes do Espírito Santo, sentir a inteligência do oráculo. Descortinaremos um mundo mais alto manifestar-se em nós, um mundo aparentemente confuso e obscuro que se tornará claro, lúcido, luminoso, com os encantos da ordem e a harmonia da beleza.

Meditemos no Mistério: quando o Três caiu no Quatro, o Quatro abriu os seus braços numa imensa Cruz que seria, pela eternidade, o Símbolo da Vida e da Morte. Era a Divindade que crucificava Seus Poderes pela existência do Seu próprio Criado.

Diante das grandes causas da Dor, busquemos a infinita nascente onde teve início o Calvário Universal. Busquemos, ó Deus, o sopro da Redenção no vinho oculto no misterioso Cálice do Teu sacrifício.

Uma secreta angústia assalta-nos ante a Cruz que aguarda o Teu espírito. Evoquemos, com a mais funda das emoções, as imorredouras palavras que, do alto daquele Símbolo Supremo, clamaste com a luz do Teu coração, numa dramática advertência aos homens:

**"Eu sou o Senhor Teu Deus, não terás outro Deus além de Mim.**

**Eu sou a Vida, a Verdade, a Revelação, o Filho.**

**Eu sou o Todo, o Nada, o Espírito Santo.**

**Eu sou o Princípio e o Fim, a Morte e a Ressurreição.**

**Eu sou o Teu Bem e o Teu Mal a fim de que Me possas compreender e amar assim como sou, em todos os aspectos.**

**Eu sou a Cruz do teu ciclo evolutivo.**

**Eu sou o Teu Avatar!"**

**Em nossa meditação, ouvindo a Tua potente voz,  
sentimos, como nunca vibrar o Poder consciente d'Aquele  
que foi Pai sacrificando-se voluntariamente antes do Filho.**

**Que desçam sobre nós as bênçãos do Espírito Santo!**

**Assim seja.**

ESTE LIVRO É PUBLICADO  
COM O CONSENTIMENTO DA  
**FRATERNIDADE BRANCA UNIVERSAL DO  
ARCANJO MICKAEL  
1968 - 2011**